

SECA NO ES

RACIONAMENTO GARANTE ÁGUA PARA 42 MIL CASAS

Economia de 13,8% não atinge meta após uma semana de rodízio

IMAGEM TV GAZETA - 30/08/2016



O Rio Santa Maria da Vitória vive a pior seca da história do Espírito Santo

FERNANDO MADEIRA - 20/09/06



Muro de pedras ajuda a manter o volume de água no Rio Jucu para a captação

✎ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redgazeta.com.br

A primeira semana de racionamento na Grande Vitória resultou em uma economia de 538 milhões de litros de água. O volume daria para abastecer o município da Serra – que tem uma população de mais de 494 mil pessoas – por nove dias. Ou ainda garantir o fornecimento para 42 mil residências por um mês.

Na prática, a economia foi de 13,8% na Grande Vitória. O cálculo levou em consideração a captação feita pela Cesan no último dia 28 (456,4 milhões litros/dia) em comparação com a média captada pela empresa em agosto (529,9 milhões litros/dia). A expectativa, anunciada no dia da implantação do racionamento, era de que a redução do consumo oscilasse entre 15% e 20%.

MANTIDO

De acordo com a Cesan, a economia registrada no Rio Santa Maria da Vitória foi de 16%, e no Rio Jucu, 12%. Resultados que ainda não permitem a sus-

REDUÇÃO

538

milhões de litros

Total de água economizada com o racionamento na Grande Vitória.

penção do racionamento.

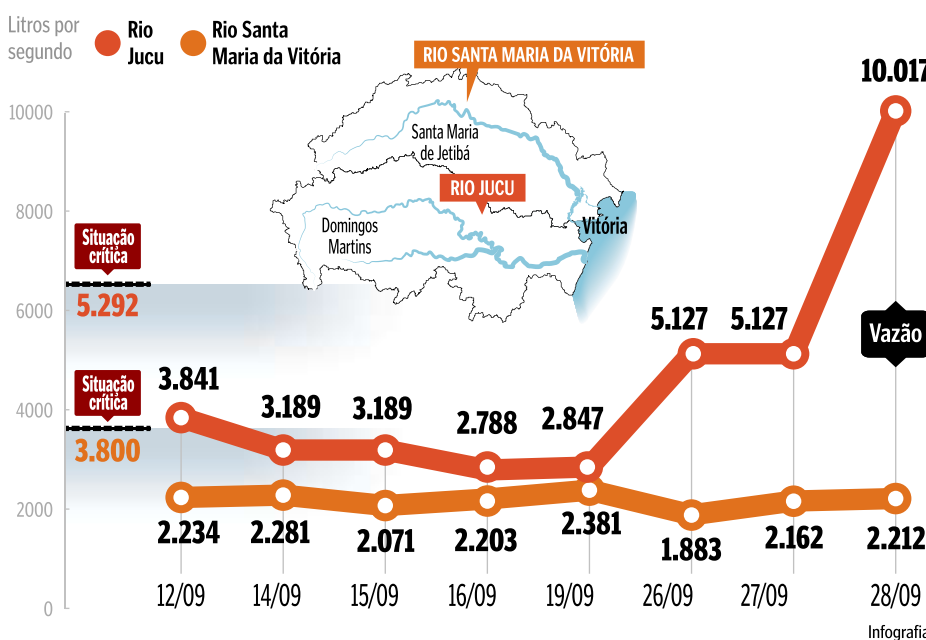
O problema é que as chuvas registradas nos últimos dias não foram suficientes para reverter o quadro de estiagem que afetou as bacias dos mananciais. No Rio Jucu, a vazão que estava abaixo do limite crítico, que é de 5.292 litros/segundo, apresentou um crescimento, chegando a alcançar o dobro desta marca.

Mas desde o último dia 27, quando foi realizada a última medição (divulgado no dia 28), a vazão voltou a apresentar uma queda acentuada, segundo informou a Cesan.

A situação também é complicada no Rio Santa Maria da Vitória, que vem mantendo vazões muito abaixo da crítica. Para

SITUAÇÃO DOS RIOS

VAZÃO DOS RIOS JUCU E SANTA MARIA DA VITÓRIA



piorar, segundo o secretário-executivo do comitê de bacia do manancial, Roberto Ribeiro, no último final de semana choveu muito pouco na região de sua nascente, menos de 30 milímetros.

Mas o nível da represa de Rio Bonito, que desde o início da crise tem sido uti-

lizada como reservatório de água, parou de cair e estabilizou-se em 22% do volume, segundo informações da Cesan.

Para tentar entender o que tem motivado a expressiva queda das vazões no Rio Santa Maria da Vitória, a Agência Estadual de Recursos Hídricos

(Agerh) decidiu fazer um monitoramento na região. A equipe fez o percurso na última quarta-feira, mas o resultado dos trabalhos ainda não foi divulgado.

ALERTA

De acordo com Ama-deu Wetler, diretor de Engenharia e Meio Am-

biente da Cesan, por enquanto a população ainda terá que realizar um esforço até normalizar o fornecimento de água. “O rodízio continua sem nenhuma alteração”, diz Wetler.

Ele voltou ainda a reafirmar que o uso racional da água deve se tornar um hábito da população e de todos os setores da economia. “Toda atitude para economizar é importante e válida. É uma nova relação de valor que estamos construindo com a água”, afirma.

O rodízio foi implantado na Grande Vitória no último dia 22. Um total de 362 bairros de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana e Fundão, afetando uma população de quase 1,8 milhão de habitantes. Locais onde estão 501.039 unidades consumidoras entre residências, comércio e serviços, indústria e setor público.

No interior do Estado, mais de 30 cidades vivem sob racionamento, sendo que 13 delas são abastecidas pela Cesan.

SECA NO ES

CIDADE VIVE UM ANO COM RACIONAMENTO

População de Marilândia mudou rotina após rodízio

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

Marilândia, no Noroeste do Estado, foi o primeiro município a racionar água no Espírito Santo. Em outubro completa um ano de racionamento, mas caso não chova, o problema estará longe de acabar.

O racionamento no município começou no dia 13 de outubro após o Rio São Pedro e o Rio Liberdade secarem. Eles abasteciam a represa local com capacidade para 230 milhões de litros de água, que secou em março deste ano. Com isso, o município procurou alternativas com carros-pipas e poços, na cidade e no interior, para abastecer a população.

Atualmente, para abastecer os 8 mil moradores a água é captada de dois poços artesanais, que ficam a 100 metros de profundidade na sede do município, e dois carros-pipas buscam água no interior. O racionamento é feito das 18 horas às 8 horas, um dia sim e outro não.

O racionamento trouxe consequências para a população. Há um ano a dona de casa Ednéa Lorenzoni fez mudanças no dia a dia.

Ela comprou uma bacia com capacidade para 50 litros, que fica sempre



RAQUEL LOPES

Mudanças

Ednéa Lorenzoni realizou algumas mudanças no dia a dia por causa do racionamento na cidade, como tomar banho usando bacia embaixo para reutilizar a água na descarga.

“Acredito que quando tiver água nos rios novamente, vou continuar a economizar”

—
EDNÉA LORENZONI
DONA DE CASA

embaixo do chuveiro. A água do banho ela usa na descarga. Ela tirou a ligação da máquina de lavar do esgoto para não perder água e utilizá-la na limpeza da casa.

“A solução tem sido economizar e fazer a nossa parte. Acredito que, mesmo quando chover e tiver muita água nos rios, eu vou continuar fazendo

isso”, comenta.

Segundo o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae), Wagner Lorenzini, as chuvas vêm reduzindo nos últimos anos no município e, caso não chova o suficiente, o racionamento pode se estender ainda mais.

“Precisamos de pelo menos 600 milímetros para normalizar a situa-

ção. O normal de chover em um ano em Marilândia é de 1.150 milímetros, mas este ano só choveu 255 milímetros”, afirma.

O município fica localizado na Região Noroeste, uma das mais prejudicadas pela seca. Dos 21 municípios, 15 realizam racionamento.

Apenas quatro municípios da região têm algum tipo de lei ou decreto para a econo-

mia de água: Marilândia, Vila Pavão, Mantenedópolis e Vila Valério.

Na cidade, para diminuir o consumo, foi criada a Tarifa de Contingência. O diretor do Saae acredita que a lei ajudou na redução do consumo de água, que foi de aproximadamente 40%.

“Além das campanhas que foram feitas e a visão do povo que a crise se agravou,

ENTENDA

SITUAÇÃO

▼ **Represa e rios secos**
O racionamento começou no dia 13 de outubro após o Rio São Pedro e Rio Liberdade secarem. A represa secou em março deste ano. A cidade está sendo abastecida com dois carros-pipas e dois poços

LEI

▼ **Tarifa de contingência**
A tarifa multa quem atingir e ultrapassar a média de consumo dos últimos 12 meses

POPULAÇÃO

▼ **Mudança de hábito**
Algumas medidas foram tomadas para economizar água, como bacia no chuveiro, com a água do banho sendo usada na descarga. A água que lavar vasilha serve para regar plantas. A água da máquina de lavar é utilizá-la na casa.

nós criamos a tarifa de contingência que força a pessoa a economizar. A população percebeu a gravidade da crise e há uma economia boa de água”, finaliza Wagner.

Para a cobrança da tarifa, é realizado a média de consumo de água dos últimos 12 meses. Se a pessoa consumir abaixo da média, ela paga o valor normal da conta. Se ela gastar a média, paga 20% a mais na conta. Se a pessoa consumir mais água que a média de consumo, paga 40% mais caro.

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



PROGRAMAÇÃO
Veja o dia do racionamento do seu bairro na Grande Vitória. leia.ag/rodizio

DIVULGAÇÃO/SAAE - MARÇO DE 2012



Março de 2012

Marilândia era abastecida por uma represa que fazia a captação hídrica do Rio São Pedro e do Rio Liberdade. A imagem de março de 2012 mostra a represa, que consegue armazenar cerca de 230 milhões de água, cheia.



Hoje em dia

A represa que abastecia a cidade secou em março deste ano, após seis meses da interrupção da captação hídrica do Rio São Pedro e do Rio Liberdade. A vegetação em torno da represa também secou.

RAQUEL LOPES



NORTE E NOROESTE

Cursos viram aliados dos agricultores

“A produção de café vai ser baixa. A alternativa vai ser plantar melancia, que é uma produção rápida”

GUSTAVO ALTOÉ
PRODUTOR RURAL DE MARILÂNDIA

RAQUEL LOPES

Técnicos do Incaper vão multiplicar aprendizado sobre uso racional da água e do solo

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

O produtor rural Gustavo Altoé tinha 50 mil pés de café. Com a baixa produção, cerca de 20 mil pés foram arrancados numa propriedade do interior de Marilândia. Os pés que sobreviveram estão castigados pelo

sol e pela falta de água.

O produtor conseguiu colher 120 sacas de café em 2016, 280 a menos que no último ano. Uma alternativa para tentar amenizar o prejuízo é investir em outras culturas.

“A produção de café vai ser baixa. Nós vamos esperar a chuva. A alternativa vai ser plantar melancia, que é uma produção rápida e, consequentemente, o dinheiro vai entrar rápido”, afirma.

O interior do município de Marilândia também está sendo castigado pela seca. Cerca de 280 mil sacas de café eram produzidas por ano no município, mas a produção deve cair pela metade, segundo o Incaper.

Para tentar amenizar as perdas e preparar o produtor para o futuro, cerca de 60 técnicos do Incaper de municípios do Norte e Noroeste participaram de um curso para o uso racional da água e

do solo. Os técnicos irão multiplicar essas ações em outros municípios.

“Conservar o solo e a água representa segurança na produção de café”, comenta o coordenador do curso, Lúcio Demuner.

CURSO

Nessa aula prática várias técnicas são apresentadas para que haja eficiência na conservação do solo e da água, com a construção de

caixas secas nas estradas. Elas conseguem armazenar água no solo, reduzir volume de enchente e aumenta a disponibilidade de água nas nascentes no período de seca.

“Com a técnica, por exemplo, em mil metros de estrada com largura de 5 metros e que tenha um mil milímetros de chuva por ano, é possível economizar 5 milhões de litros de água. Isso a custo de cerca de R\$ 3

mil por quilômetro”, comenta o engenheiro agrônomo Aliomar Comério.

Para o extensionista do Incaper de Barra de São Francisco, Nelson Araújo Barbosa, o curso será uma maneira de ajudar outros produtores. “A gente passa por uma situação complicada, com esse curso a gente pretende replicar as ações no município. Estamos trabalhando a conservação do solo”, diz.

FÓRUM IEL DE CARREIRAS
TUDO O QUE VOCÊ PRECISA PARA DECIDIR O SEU FUTURO.

06 DE OUTUBRO ÀS 9 HORAS NO VITÓRIA GRAND HALL

PALESTRAS COM CONSULTORES E EMPREENDEDORES



Dado Schneider
Executivo de Marketing



Suzana Freitas
TV Globo



Du Migliano
99Jobs



Edgar Gouveia
Play the Call



Gil Giardelli
Gaia Creative

+POCKET SHOW
E PALESTRA COM
GABRIEL PENSADOR



INSCREVA-SE GRATUITAMENTE E CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA
WWW.IEL-ES.ORG.BR/FORUM E BAIXE O APLICATIVO.

APOIO:



Uma realização da indústria

PATROCÍNIO:



Especialistas em negócios regionais.



REALIZAÇÃO:



A rede de jornalismo econômico.



Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

SECA NO ES

SANTA MARIA DE JETIBÁ

Produtor rural é o guardião de nascentes do Rio Santa Maria

Avelino Schlieve replantou vegetação que ajuda na preservação da área

“A gente tem que pensar no futuro, e a coisa mais valiosa que a gente precisa, em primeiro lugar, é a água.” A afirmação é do produtor de orgânicos Avelino Schlieve, cujos cuidados preservam algumas das 33 nascentes do Rio Santa Maria da Vitória, que abastece parte da Grande Vitória e que sofre com a seca.

Avelino mora na comunidade São Bento, no Distrito de Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, na Região Serrana do Estado. O produtor é um exemplo quando o assunto é preservação. Depois que a família autorizou o plantio de árvores nativas na propriedade, em 1998, e passou a colaborar na preservação, muita coisa mudou. É possível encontrar água em diversos pontos, além de animais.

“Hoje, aparecem muitos bichos que não haviam como o trinca-ferro, o tatu, a paca e outros. Infelizmente, sempre tem aquele que quando vê a floresta acha que vai capturar um passarinho. Eu tinha esse problema na minha propriedade. Aí consegui afastar colocando uma placa para alertar”, explica o produtor.

A preservação da área incluiu o cuidado com o solo. Faz 16 anos que Avelino não



Avelino próximo à água que desce de uma das nascentes na área de preservação

põe veneno na terra. Toda a produção de morango é orgânica. Perto da lavoura é possível ver mais água em abundância, tudo das nascentes, que se encontram e ganham o nome de Rio Santa Maria da Vitória.

De acordo com o engenheiro agrônomo e especialista em recursos hídricos Henrique Lobo, a cobertura vegetal é fundamental, pois permite que a água das chuvas penetre no solo e alcance os lençóis freáticos.

“Se eu tenho o topo do morro com a floresta, a água bate sobre ela, escorre pelo topo das árvores e pelas raízes. Então, essa água se infiltra no solo e chega na nas-

PERDAS



“Se não temos floresta no topo dos morros, a água da chuva escorre e não alcança os lençóis freáticos”

HENRIQUE LOBO
ESPECIALISTA EM RECURSOS HÍDRICOS

cente. Esse processo leva até seis meses. Se eu não tenho mais a cobertura vegetal do solo, a água escorre rapidamente, levando partículas do solo para dentro dos rios causando o assoreamento. Assim, não terá água de infiltração para alcançar os lençóis freáticos e alimentar as nascentes”, ensina.

Apesar da sua preservação, Avelino sonha mais alto. “Se todos se juntarem, o poder público e os agricultores, com muito diálogo, menos plantio, menos irrigação e mais reflorestamento, teremos muito mais água fluindo para o Rio Santa Maria”, conclui. (Wesley Ribeiro, com informações da TV Gazeta)

ESPERANÇA

“A GENTE TEM QUE PENSAR NO NOSSO FUTURO”

Avelino Schlieve
Produtor orgânico

“A gente tem que pensar no futuro. Temos filhos e vamos criar netos. A coisa mais valiosa que a gente precisa em primeiro lugar é a água. Então, sem a floresta você não vai ter água. Depois que autorizaram o plantio de árvores para recuperação das nascentes, até os bichos voltaram a aparecer. O

trinca-ferro, o tatu, a paca e vários outros bichos que não apareciam mais aqui na propriedade. E é nessa região que nasce o Rio Santa Maria da Vitória. São 33 nascentes que se juntam e, corredeira abaixo, formam o rio. Infelizmente, a corredeira ainda é pouca, mas se o poder público e os agricultores trabalharem juntos, plantando e irrigando menos e reflorestando mais, tudo com muito diálogo, daqui a alguns anos espero que essa corredeira tenha muito mais água. Sem água não há futuro.”

RACIONAMENTO

Falta de água em clínica da Ufes suspende atendimento

Pelo menos 10 cirurgias odontológicas tiveram de ser remarçadas na unidade, em Maruípe

Por causa da falta de água no setor de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no Campus de Maruípe, em Vitória, pelo menos dez cirurgias odontológicas foram adiadas.

“Houve paciente que chegou a ser anestesiado e os alunos todos paramentados, mas não consegui-

ram atender porque não tinha água”, relatou a estudante Milena Tietz.

A paciente Nair Sório, que precisava arrancar um dente, teve que remarcar a cirurgia para o mês que vem. “Você tem que continuar com os remédios, para não sentir dor”, reclamou.

O racionamento de água em Maruípe começou ao meio-dia da última terça-feira e terminou ao meio da quarta. Por causa disso, todas as cirurgias odontológicas foram re-



Um dos consultórios odontológicos fechados

marcadas para ontem. No entanto, as clínicas ainda estavam sem água quando os alunos chegaram.

Segundo os estudantes, todos os dias mais de 300 pacientes passam pela clínica e cerca de 20 a 30 cirurgias são realizadas. A remarcação de atendimento é um agravante, pois muitos dos pacientes são do interior do Estado.

Chefe da clínica, o professor Alfredo Feitosa explica que o setor não tem um reservatório próprio,

um problema antigo. “Há dois anos pedi para colocar uma caixa de água de 20 mil litros para atender nossas necessidades e até hoje nada”, reclamou.

No final da manhã, a Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) e a Ufes informaram que o abastecimento havia sido restabelecido. Sobre o pedido da caixa, a previsão é que seja atendido em dezembro, segundo a Ufes. (Wesley Ribeiro, com informações da TV Gazeta)